

O negócio é trabalho

Margarida Montejano da Silva¹

Resumo: O presente artigo é uma reflexão sobre o conceito de trabalho na atual realidade. Enfoca a relação homem-trabalho-conhecimento, a sua importância na vida do homem, bem como a supervalorização do trabalho na evolução histórico-social. Trata, ainda, de aspectos relacionados à escola e a sua importância na formação para o mundo do trabalho e na solidificação dos ideais da sociedade econômico-neoliberal capitalista.

Palavras-chave: trabalho, homem, conhecimento, escola, sociedade.

Abstract: The present work is a reflection about the concept of work nowadays. It focuses the connection existing in man – work – knowledge, its importance for the human being's life, as well as the excessive increase in value of Work during the historical-social evolution of the world. Yet, it deals with aspects related to school, its relevance in education for the work world and for the solidification of the ideals of the current society that is marked by the economic- neoliberal Capitalism.

Key-words: work, man, knowledge, school, society

Introdução

[...] sem o seu trabalho o homem não tem honra e sem a sua honra se morre, se mata. (Gonzaguinha)

O trabalho tem sido, para muitos, a esperança de superação dos problemas e a medida para se aquilatar o capital acumulado daqueles que venceram na vida. Associa-se, com frequência ao trabalho, a idéia de esforço. Através da ideologia e da facilidade de manipulação dos meios de comunicação, os “bem-sucedidos” transmitem o pensamento de que toda riqueza é conquistada pela disposição ao trabalho e pela força de vontade. Segundo esta minoria, vencem aqueles que vestem a camisa da empresa, que madrugam, que se capacitam e se colocam em pé, para superar os desafios. Desenvolvem a idéia de que há trabalho para todos e que, igualmente, há oportunidades. Tratam rapidamente de apresentar exemplos de homens e mulheres que, pelo trabalho, se fizeram na vida. O capital acumulado, a fama, o poder, o sucesso, parecem ser, as medidas do tempo presente. Diante da complexa relação entre homem, trabalho, conhecimento e capital, buscamos definir o conceito de trabalho para refletir sobre a realidade atual.

Trabalho e Conhecimento

Etimologicamente, a palavra **trabalho** vem do vocábulo latino *tripalium* (três paus), instrumento de tortura utilizado no passado para ferrar animais bravios e aprisionar condenados. Das muitas atribuições ao termo, agregam-se, martírio,

¹ É professora e coordenadora do Curso de Pedagogia do CREUPI. Pedagoga, Psicopedagoga, Mestra em Educação/PUC-Campinas e doutoranda da Faculdade de Educação da UNICAMP.

sofrimento e labuta. Dentre tantos significados, selecionamos outros para melhor entendimento da dimensão desta atividade humana: ação, processo; aplicação das forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim; atividade coordenada, de caráter físico e ou intelectual, necessária à realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento; esforço incomum, luta, faina, lida; ação contínua e progressiva de uma força natural, etc.

Percebe-se que, da antiguidade aos dias de hoje, o significado do conceito sofreu poucas alterações, o que era antes motivo de diferença e desvalorização (trabalho manual, feito por escravos e trabalho intelectual privilégio dos cidadãos livres e dignos) continua sendo hoje motivo de distanciamento entre os homens em toda a história.

Independente desta ou daquela interpretação, compreendemos que é pelo trabalho que o homem literalmente se distancia da natureza. Ao transformar a natureza com sua ação consciente - produção de bens materiais, o homem cumula de fundamento e vida a sua cultura e o processo civilizatório, fazendo-se, com isso, diferente dos outros animais.

Ocorre que, pelo trabalho, o homem se liberta da natureza e, ao afastar-se dela, é capaz de ver no horizonte possibilidades de superação de si e dos próprios limites, de enfrentamento dos perigos e de supressão das necessidades mais fundamentais de sua existência. Enquanto parte desta mesma natureza transformada, vê-se, por sua ação, modificado e modificando-se continuamente. O trabalho, enquanto ação consciente e imprescindível de ações refletidas, lhe exige elaborações mentais, planejamento, previsões, revisão de metas e modificação de percursos, exercícios intelectuais que obrigatoriamente necessitam de todo conhecimento já produzido pela humanidade e este de novas sistematizações, outras análises, outras ações. Assim, dialeticamente o conhecimento vai sendo tecido e a história dos homens reconstruída.

[...] o conhecimento se origina na prática social dos homens e nos processos de transformação da natureza por eles forjados. [...] agindo sobre a realidade os homens a modificam, mas numa relação dialética, esta prática produz efeitos sobre os homens, mudando tanto seu pensamento como sua prática. (CORAZZA, 1991, p.84)

Com a acumulação do conhecimento, característica fundamental do trabalho humano e com a transformação da natureza pelo trabalho, a humanidade foi construindo o seu processo histórico e social e, com isso, aperfeiçoando-se por meio da construção de instrumentos e ferramentas. Num processo de erros, acertos e infinitas tentativas e desejo de realização, o conhecimento não estanca mediante as dificuldades. De acordo com Cortella (1998), é resultado de processo e este não está isento de equívocos, isto é, não fica imune aos embaraços que o próprio ato de investigar a realidade acarreta.

Em posse do conhecimento produzido historicamente, agora transformado noutros conhecimentos, o homem é capaz de criar, inventar e desenvolver mecanismos superiores do pensamento: vê aumentar sua força física e sua capacidade de avaliar o fruto de seu trabalho e, com isso, constatar que os saberes produzidos anteriormente (teoria), são necessários para iluminar a sua ação presente (prática). A prática de ações intencionais, por sua vez, modifica a teoria e esta, modificada, altera a prática de forma consciente sucessivamente. Pode-se dizer que este processo de apropriação do conhecimento é responsável pela revelação da essência do trabalho. Por outras palavras, o trabalho se revela ao homem a partir do conhecimento

construído por outros homens e o homem se revela a si, ao outro, à natureza e à realidade social como ser produzido pela própria interferência.

Todavia, não apenas a realidade material e a ação do homem sobre ela dão origem ao conhecimento humano. As organizações culturais, artísticas, políticas, econômicas, religiosas, jurídicas etc. também são expressões sociais que cumprem essa função. Enfim, é a existência social dos homens que gera o conhecimento. (GASPARIN, 2003, p. 4)

Entendendo que a ação social dos homens não se dá desvinculada do trabalho e, se pelo trabalho o homem constrói-se a si mesmo e é condição de realização humana, como explicar as situações de aviltamento do ser do homem, presentes na história e na realidade do trabalho?

Para Marx, o trabalho quando não é fator de realização humana é fator de escravidão e alienação. A partir deste pressuposto e da realidade construída, encontramos inexoravelmente crises que abalam e abalam a estrutura do trabalho e, por consequência, da vida humana, traduzida hoje nos números assustadores do desemprego e da economia informal, no sucateamento da mão-de-obra, nos serviços terceirizados, no colapso das associações, sindicatos e dos movimentos operários. Lutar por direitos trabalhistas parece não mais fazer sentido. Greve por melhores condições de trabalho tem sido sinônimo de baderna e o que foi historicamente conquistado pelo trabalhador parece, a cada dia, perder a força. O homem, na medida em que foi conquistando o mundo do conhecimento foi também se afastando dele e de si mesmo.

A partir das idéias e dos fatos apresentados podemos dizer que homem se constrói através do trabalho e que o trabalho é uma ação disciplinada e exigente da educabilidade do conhecimento e que a educação é base fundamental para a construção da cultura, da cidadania e da história humana. Neste sentido, o que torna estes fatos e idéias preponderantes neste momento de reflexão é a necessidade de retomá-los como objeto de análise e de esperança na superação das crises produzidas pelo acúmulo do conhecimento e das riquezas dele advindas.

Quando associamos trabalho e educação ao processo civilizatório, tornam-se nítidas as contradições presentes na realidade atual. Se por um lado constatamos avanços na esfera da ciência e da tecnologia capazes de produzir uma qualidade de vida mais rica e saudável, por outro, percebemos retrocessos abomináveis, que traduzem o progresso humano em riqueza para uns e em exploração, em fome, em miséria à grande maioria. Um contra-senso que reduz o ser do homem à sua condição mais primária – a instintiva, promovendo, com isto, a ausência de sua hominização.

Como consequência da civilização, temos hoje problemas múltiplos de ordem mundial, a saber: doenças sociais produzidas pelo homem, incluindo-se aí o egoísmo, o relativismo ético e a empobrecimento dos valores humanos. Nesta escala de doenças produzidas socialmente, encontramos também a violência, o medo e a descaracterização da identidade humana. Quando o assunto é identidade, recorreremos à memória e constatamos também que, aquilo que a memória humana guarda é reflexo de uma história fria, apática e distante, contada pela ótica do dominador e de progressos conquistados às custas de guerras, da exploração da mão-de-obra humana, do trabalho infantil, de destruição e de transgressão à natureza.

É nesta esteira de contradições, de individualismos e competitividade que o mercado ganha consistência. Torna-se aquele que dita, define e ordena. Altera a estrutura das instituições sociais, banaliza valores, produz o virtual, o efêmero, o fluido, a vaidade. Tudo pelo lucro e para o lucro. O mercado precisa, para tanto, criar

mecanismos de convencimento. De efetivação desta forma de ver o mundo. A escola, nesse sentido, torna-se o lugar ideal para que isso aconteça.

Sobre a valorização excessiva atribuída ao mercado de trabalho na escola, Carmo nos diz:

Pela veneração ao trabalho, os currículos escolares são alvo de alterações, não com a finalidade de formar cidadãos ou dotá-los de um pensamento crítico, mas de formar pessoas aptas para o trabalho e, se possível, adestrá-las para a formação de uma mão-de-obra dócil. Curiosamente, professores prescrevem aos alunos "trabalhos para casa". O trabalho do menor é visto como uma preparação para o futuro, no que tange à disciplina exigida para se tornar cidadão. Nos estratos sociais de baixa renda, um rapaz adquire maturidade e é visto com orgulho pelos pais quando começa a trabalhar precocemente. Embora a contragosto, os estudos são abandonados cedo, devido à necessidade de lutar pela sobrevivência. Acredita-se muitas vezes que quanto mais cedo o indivíduo começar a trabalhar, maiores serão suas chances de ser bem-sucedido. (1995, p.13)

É a supervalorização do trabalho se disseminando por todos os recônditos e estratos sociais. Família, escola e sociedade em uníssono defendem e proclamam o tema como o problema e a solução para os dias atuais. Trabalhar e respirar parecem ser sinônimos, pois viver não é possível sem o trabalho. Neste sentido, recorreremos novamente a Carmo, que realça a forma como o trabalho tem sido tratado na atualidade:

[...] a redução da jornada de trabalho é condenada sob a alegação de que "o país precisa crescer"; os políticos quase sempre elegem o tema "trabalho" para suas plataformas de campanha; os meios de comunicação bombardeiam a cabeça da população, levando-a crer que a delinqüência é oriunda da falta de vontade trabalhar. O Estado considera delito social "a vadiagem e a ociosidade" ao tratar essas condutas como caso de polícia. Uma parte da população acredita que a imposição de trabalhos forçados nas prisões seria uma forma de atenuar a criminalidade. Para a polícia a carteira de trabalho chega a ser, algumas vezes, o único documento válido. (1995 p. 12)

Assim, refletindo sobre as imposições do mercado, sobre a supervalorização do trabalho e nas conseqüências dessa realidade algumas questões surgem: se o trabalho é tão fundamental na vida humana e na conquista do conhecimento, por que foi caminhando nesta direção? Como o ser do homem foi se adaptando a esta realidade? O que falta ainda para acontecer na realidade do mundo do trabalho? Questões que gritam quando se busca entender os encaminhamentos da humanidade em constante processo de construção e superação de si mesma. Quando se quer saber sobre a escola e a sua importância na formação das gerações futuras, sobretudo, quando se busca entender as contradições presentes na realidade do mundo do trabalho.

[...] ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora. Ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelam a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1982. 101)

Considerações Finais

Que a aridez proposta pela ordem econômico-neoliberal de solidificação do mercado não nos endureça a ponto de perder de vista o sonho de democratização do conhecimento. De ver a escola como espaço de debates, de indignação, de possibilidade de compreensão e de luta coletiva pela superação dessa realidade social. Por fim, que a reflexão-ação-reflexão sobre o mundo do trabalho, sobre a escola e o conhecimento resgate a nossa capacidade de ter esperanças e nos auxilie na busca de nossa humanização.

Referências Bibliográficas

CARMO, Paulo Sérgio do. **A ideologia do trabalho**. 7.ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1995.

CORAZZA S. M. Manifesto por uma dida-lé-tica. **Contexto e Educação**. v.6, n.22. Ijuí, 1991.

CORTELLA, M.S. **A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos**. 4. ed. São Paulo: Cortez. 2001.

FREIRE, P. Educação: **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Gral., 1982.

GASPARIN, J.L. **Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 2.ed. Campinas-São Paulo: Autores Associados. 2003.